

Duas visões do mundo das finanças

Por **Simon Johnson**

Valor Econômico, 30.9.2014

O Banco Central americano dedica grande esforço para assegurar que o público compreenda sua política monetária; as autoridades precisam empenhar-se igualmente em comunicar com precisão sua política regulatória.

Os encontros anuais do Fundo Monetário Internacional serão realizados em 10 a 12 de outubro, em Washington, DC, e o setor financeiro mundial é um tema central na agenda. Isso tornará as reuniões interessantes, porque duas visões diametralmente opostas sobre o sistema vão se enfrentar.

O primeiro ponto de vista é "já fizemos muita coisa" desde que a crise financeira mundial estourou, em 2008. Segundo esse ponto de vista, que é habitualmente defendido por alguns funcionários do Tesouro dos EUA e seus contrapartes europeus, pode haver um pouco mais a fazer em termos de implementação de reformas, mas nossos bancos e outras empresas financeiras já tornaram-se muito mais seguros. A crise de 2008 não volta a ocorrer no curto prazo.

A segunda visão é que estamos muito longe de completar as mudanças de longo alcance que necessitamos. E o que é pior, em pelo menos um ponto crucial a própria linguagem usada pelas autoridades governamentais e pelos principais jornalistas para descrever o mundo financeiro é extremamente incoerente.

As questões são complexas e muitas são as nuances, porém muito do que divide os dois campos nesse debate resume-se ao seguinte: É aceitável dizer que os bancos "hold" (mantêm) capital?

Esse é um termo usado com grande regularidade pelos principais repórteres que cobrem a área de finanças (embora não, por exemplo, pela Bloomberg/BusinessWeek, que há muito tempo tem sido muito mais cuidadosa sobre esse ponto). "Os bancos terão de 'hold' (manter) mais capital" é um chavão comum empregado para descrever os esforços das agências fiscalizadoras - e, nos EUA, de alguns legisladores - no sentido de exigir que as instituições financeiras se financiem com relativamente mais capital próprio e menor endividamento.

O emprego do termo "hold" nesse sentido é, a um só tempo, totalmente convencional e profundamente enganador. Em qualquer outro uso do inglês comum, "hold" é um verbo ativo ou um substantivo com uma conotação similar. Uma pessoa "holds" (segura) um bebê em seus braços. Por favor, "hold" (agarre) firmemente essa corda. Ele tem uma forte "hold" (influência) sobre seus colegas.

Isso é importante, porque "hold capital" tornou-se uma metáfora disfarçada ou implícita. Ela sugere que as agências reguladoras estão exigindo que os bancos reservem parte do lado dos ativos de seus balanços - e isso leva naturalmente à percepção de que, de alguma forma, "sobrará menos" para emprestar, por exemplo, à economia real (não financeira). Deparo-me com frequência com essa percepção, mesmo em círculos sofisticados - por exemplo, no Congresso.

Mas essa interpretação representa uma incompreensão total - e, por vezes deliberada - do que significa capital bancário e das políticas implementadas pelas

agências reguladoras. (Anat Admati e Martin Hellwig já destacaram haver muitos equívocos nessa área; mas, entre eles, uma percepção errônea do que significa capital é certamente a mais fundamental.)

Capital, nesse contexto, é simplesmente sinônimo de "equity" (patrimônio líquido), e fica do lado do passivo no balanço de um banco (ou de uma pessoa). Diz respeito a como um banco (ou outra empresa) financia suas atividades, não a como ele usa os recursos de que dispõe.

A exigência de mais capital significa, em essência, maior aporte de recursos pelos acionistas e - portanto, sob qualquer definição sensata - relativamente menos endividamento para um determinado tamanho de balanço. Essa é uma política atraente e sensata, porque os bancos de presença mundial têm, atualmente, margens de patrimônio líquido relativamente pequeníssimas embasando suas operações.

As melhores mensurações de capital bancário comparáveis são as encontradas no Global Capital Index produzido por Thomas Hoenig, vice-presidente da Federal Deposit Insurance Corporation (FDIC). Hoenig examina o montante de patrimônio líquido dos bancos em termos de sua medida mais simples e mais transparente (também conhecida como alavancagem). Seis anos após a maior crise financeira mundial, o patrimônio líquido de nossos megabancos é não superior a 5% de seus balanços. (Na realidade, alguns bancos não têm muito mais do que 3% de capital próprio.) Isso significa que 95% de suas operações são financiadas por endividamento - e, portanto, que bastaria um pequeno choque negativo para levá-los à insolvência.

Muitas medidas são ainda necessárias para corrigir essa vulnerabilidade, entre elas a formalização de uma cooperação internacional para lidar com a insolvência de empresas financeiras. É preciso que essas empresas possam falir sem causar um pânico mundial. Eles precisam preparar "testamentos vitais" eficazes, para demonstrar como isso será possível; na verdade, esses planos são uma exigência - ainda por implementar - das reformas financeiras Dodd-Frank, de 2010, nos EUA.

Mas há um passo muito mais simples que faria uma grande diferença: uma alta autoridade monetária, como um membro do Conselho de Presidentes do Fed (Federal Reserve, banco central dos EUA) ou o presidente do Fed de Nova York, deveriam fazer um discurso explicando claramente o que é capital bancário (e o que não é).

Os jornalistas que ignorarem o balizamento sobre a terminologia expressa nesse discurso deveriam ser chamados - reservadamente - pelo Fed. O Fed dedica considerável esforço para assegurar que o público compreenda sua política monetária; as autoridades precisam empenhar-se igualmente em comunicar com precisão sua política regulatória.

E o índice de Hoenig deveria ser levantado e divulgado por uma importante instituição, como o FMI. Nós precisamos não apenas assegurar um uso mais preciso da linguagem como também uma mensuração mais precisa e oportuna dos níveis de capital dos bancos. **(Tradução de Sergio Blum)**